



IGREJA *Viva*

ENTREVISTA

**"O PONTO ESSENCIAL
DA FAMÍLIA É O AMOR"**

ROSA E AMÂNDIO CRUZ

DEPARTAMENTO DA PASTORAL FAMILIAR

P. 04-05

BREVES**Papa sublinha dever de acolhimento aos “náufragos da história” que chegam às costas da Europa**

O Papa Francisco disse ontem no Vaticano que os cristãos têm o dever de acolher os “náufragos da história” que chegam às costas da Europa, para os salvar da “frieza da indiferença e da desumanidade”.

“Peçamos ao Senhor que nos ajude a ser sensíveis aos tantos náufragos da história que chegam exaustos às nossas costas, para que também nós os saibamos acolher com o amor fraterno que vem do encontro com Jesus”, referiu, na audiência pública semanal.

Francisco destacou a hospitalidade com que São Paulo e todos aqueles que o acompanhavam foram acolhidos em Malta, pedindo que os cristãos “sejam sensíveis aos sofrimentos” das pessoas que encontram.

**Secretário particular diz que Papa emérito “nunca” se arrependeu da renúncia ao pontificado**

O secretário particular de Bento XVI, D. Georg Gaenswein, disse ao canal Bayerischer Rundfunk, da Alemanha, que o Papa emérito “nunca” se arrependeu da renúncia ao pontificado, que aconteceu a 28 de Fevereiro de 2013.

“A renúncia foi uma decisão longa, bem rezada e sofrida, de que nunca se arrependeu. O Papa [emérito] está completamente em paz consigo próprio”, refere o prefeito da Casa Pontificia, em declarações emitidas numa reportagem da televisão pública local da Baviera.

O trabalho jornalístico acompanha o quotidiano de Bento XVI, que a 16 de Abril vai completar 93 anos de idade, no antigo mosteiro Mater Ecclesiae, do Vaticano. Na última audiência pública do seu pontificado, Bento XVI explicou que a sua renúncia se aplica ao “exercício ativo do ministério” do Papa, sem implicar um regresso à “privacidade”.

**OPINIÃO****A vida volta ao normal****CARLA RODRIGUES**

ADVOGADA

Depois de quase um mês marcado, em muitas casas e famílias, pela abundância, pelos almoços e jantares, pelas visitas e passeios, pelos brindes e abraços, pelos colos e amor, pelas prendas, presentes e presenças, a vida volta ao normal na sua simplicidade. Volta à rotina boa: levar os filhos à escola, regressar em força ao trabalho, almoçar com os pais. O café rápido pela manhã, a leitura dos títulos dos jornais, o beijo de despedida na doce certeza do rápido reencontro. Rotinas que têm a capacidade de preencher a alma e, em simultâneo, despertar o desejo de mais algum tempo de férias, de mais algum tempo sem tempo contado, de mais algum tempo sem rotinas. Rotinas que nos acompanham e que exercem todo um fascínio, até pela possibilidade (remota) de as podermos quebrar.

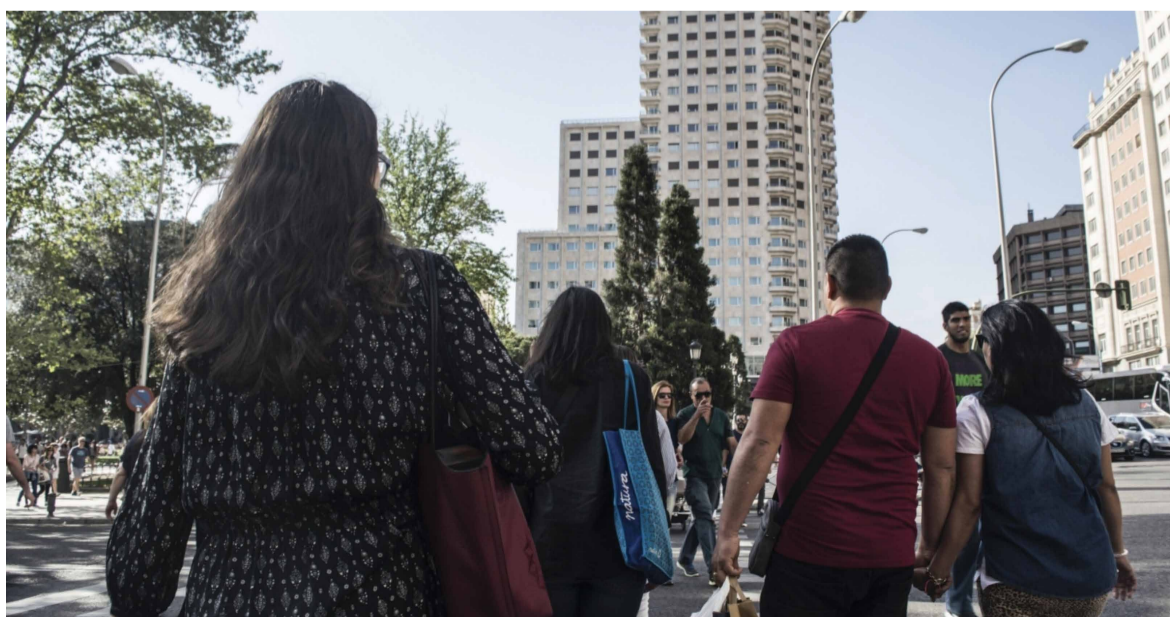
Na *rentrée* num novo ano ou, se preferirmos, no recomeço de sonhos e projectos sob o compasso ditado pelo

crescer dos dias, deparamo-nos com o resultado dos excessos cometidos, especialmente da traidora doçaria natalícia, o que gera toda uma luta titânica em nome de uma maior assiduidade e empenho no ginásio e nas caminhadas. A balança parece impor a necessidade de perder as gorduras acumuladas. E na busca do que se julga um corpo perfeito propomo-nos fazer o que está ao nosso alcance para a eliminação das gorduras (físicas) localizadas. E as outras gorduras, o que fazemos para serem eliminadas? A gordura localizada no desamor? A gordura que se acumula no egoísmo, na maldade, na agressividade, na falta de escrúpulos, na facilidade com que se arruinam o bom nome e reputação das pessoas, com que se destrói sonhos e projectos de vida? Não é (também) urgente o regresso à rotina do ginásio do equilíbrio, da justiça e do bem social? Há que exercitar os músculos do corpo, mas sem descuidar os da mente, sem esquecer de bombear os sentimentos que alimentam a alma e o coração.

O primeiro dia, de 2020, leva-nos a desejar, como prioritário, a saúde, a felicidade e a paz (cada vez mais ameaçada pelas decisões dos líderes mundiais), e desperta-nos, também, para a importância de traçar objectivos, metas, planos, sonhos a alcançar. Uns mais ousados do que outros, uns mais possíveis do que outros. E o mais ousado

entre os ousados é o Amor, condimento insubstituível do primeiro ao último plano. Apesar de desconfiarmos que a maioria dos objectivos é inalcançável, todos os anos renovamos os votos pessoais e propomo-nos a persegui-los com afinco (pelo menos em teoria). Queremos imitar os reis magos, Belchior, Gaspar e Baltazar, que vindos do Oriente percorreram o caminho, muitas vezes agreste. Atravessaram montes e vales, mares e riachos, ora sob o sol escaldante, ora sob chuvas torrenciais. Contornaram perigos e enfrentaram adversidades. Não duvido que se tenham perdido em momentos mais difíceis... Mas, apesar das dificuldades e das dúvidas continuaram a trilhar caminho, guiados por uma espécie de GPS espiritual, a Estrela de Belém.

É tão isto que tantas pessoas procuram, a estrela a indicar o caminho. O caminho da felicidade. Aquela que assenta na melhor das rotinas, na capacidade de amar e ser amado, na capacidade de deixar que outra pessoa nos “despenteie o coração”, apesar do caminho do encontro ser, muitas vezes, um caminho com difíceis acessos, em que nos aventuramos sem bússola nem GPS. Como nos ensinou Camões, o Amor “é um não querer mais que bem-querer; É um andar solitário entre a gente; É nunca contentar-se e contente; É um cuidar que ganha em se perder”.





PAPA FRANCISCO

6 DE JANEIRO 2020 · Adorar é ir ao essencial: é o caminho para se desintoxicar de tantas coisas inúteis, de vícios que anestesiam o coração e entorpecem a mente.

8 DE JANEIRO 2020 · Adorar significa levar a vida ao Senhor, permitindo que Ele entre em nossas vidas. É fazer descer a Sua consolação sobre o mundo e que deixar-se impregnar pela Sua ternura.

D. JORGE ORTIGA

8 DE JANEIRO 2020 · O milagre de cada dia é a partilha! #evangelhodiário #SerIgreja #milagre #solidariedade

TENSÃO EUA-IRÃO

Papa reforça apelo ao diálogo pela paz

O Papa apelou no passado Domingo, no Vaticano, durante a oração do Ângelus, ao diálogo em favor da paz, aludindo ainda indirectamente às relações entre os Estados Unidos da América e o Irão quando mencionou um “terrível ambiente de tensão”. “Em tantas partes do mundo sente-se um terrível ambiente de tensão. A guerra traz apenas morte e destruição. Peço que todas as partes mantenham acesa a chama do diálogo e do auto-controlo, esconjurando a sombra da inimizade”, declarou, desde a janela do apartamento pontifício.

“Lembro ainda o compromisso que assumimos no início do ano, Dia Mundial da Paz: «A paz como caminho de esperança – diálogo, reconciliação e conversão ecológica». Com a graça de Deus, poderemos colocá-lo em prática”, declarou.

No Iraque, o patriarca caldeu (da Igreja Católica), D. Louis Raphael Sako, alerta para o risco de o país se tornar “um campo de batalha, em vez de ser uma nação soberana capaz de proteger os seus cidadãos e as suas riquezas”.

O aumento da tensão deve-se ao ataque americano de que foi alvo o general iraniano Qassem Soleimani na passada Sexta. A morte deste general gerou uma resposta do Irão na madrugada de Quarta-Feira (ainda Terça em Portugal). Duas bases iraquianas onde estão posicionadas forças norte-americanas foram atingidas por “mais de uma dezena de mísseis balísticos”.

A rota de colisão começou quando, em 2018, a Administração Trump retirou os EUA dos acordos de Viena com Teerão sobre o programa nuclear iraniano. Em Setembro passado, Trump decidiu reforçar a sua política de “máxima pressão” e Teerão resolveu testá-lo com a ameaça de caos na região.

OPINIÃO

Diálogo Inter-religioso: a beleza do encontro

ADELINO ASCENSO

SUPERIOR GERAL DA SOCIEDADE MISSIONÁRIA DA BOA NOVA

Vivo na Freguesia de Arroios, Lisboa, um bairro de caleidoscópica diversidade cultural: o número de nacionalidades diferentes dos residentes chega às várias dezenas e os turistas compõem uma outra significativa parcela da população que constitui o rio colorido de gente com quem nos cruzamos na rua. Sem dúvida que se trata de um desafio premente e constante, uma vez que sentimos fugir-nos o chão em que fomos alicerçando as nossas convicções e seguranças. Requer-se uma ousada abertura de horizontes e uma vigilância prudente às tendências de rigidez que nos podem assaltar a qualquer momento. O diálogo intercultural e inter-religioso é um elemento constitutivo da nossa identidade de cristãos, uma vez que os terrenos que pisamos já não são de uma cristandade assumida, mas sim de desconcertantes realidades desconhecidas e eventualmente inóspitas, que nos forçam a aprofundar

as próprias convicções, ensopando-as em escuta séria e silente daquele que pensa, age e crê de modo diferente.

Mas qual será, no fundo, a finalidade do diálogo intercultural e inter-religioso? Quando estava em Osaka (Japão), tinha a meu cargo algumas actividades neste setor. Um dia, estava num fórum anual, organizado principalmente por uma escola budista, no qual eu participava como representante da Igreja Católica. Os restantes membros do painel eram dois monges budistas e dois especialistas em história das religiões. A assembleia era constituída por cerca de 80% de monges budistas. Os restantes cerca de 20% da assembleia eram leigos budistas e alguns fiéis das paróquias onde eu trabalhava. A dado momento, fui interpelado pelo chefe supremo da escola do budismo exotérico no Japão, o Rev. Matsunaga Yūkei, que era, também ele, um dos intervenientes no painel: “Padre, como missionário, certamente está no Japão para converter os japoneses, não é verdade?” Surpreendido com a acutilância da pergunta, respondi que não estava no Japão para converter, mas sim para acom-

panhar. E acrescentei que se aquele nosso diálogo contribuisse para que cada um de nós aprofundasse mais a sua própria fé, então estaríamos a realizar a finalidade principal do nosso diálogo.

Sim, escutar, aprender, acompanhar, estar com..., e voltar a escutar. Isto deve ser a nossa função essencial. No diálogo inter-religioso, reconhecemos as diferenças que existem entre nós (por exemplo, cristãos e budistas), reafirmamos o nosso credo e respeitamos o crer do outro. O diálogo existe, não tanto em virtude das nossas semelhanças, mas sim por causa das nossas diferenças. É aqui que somos mais desafiados, mas também onde mais nos enriquecemos. No nosso exercício de escuta, seja no diálogo da partilha de alegrias e tristezas, de colaboração em vista ao desenvolvimento integral e à libertação dos povos, de intercâmbios teológicos ou de experiências religiosas concretas (cf. Diálogo e Anúncio, 42), existirão momentos de treva, de dúvida, talvez mesmo de quase desespero. O diálogo não é um caminho linear. Mas não serão precisamente as vias árduas que nos estimulam à beleza do encontro?



ENTREVISTA

“É DA FAMÍLIA QUE TUDO SURGE”

JOÃO PEDRO QUESADO (TEXTO E FOTOS)

ROSA E AMÂNDIO CRUZ ASSUMIRAM HÁ CERCA DE CINCO ANOS O DEPARTAMENTO ARQUIDIOCESANO DA PASTORAL FAMILIAR. O IGREJA VIVA ENCONTROU-SE COM O CASAL PARA FALAR DO TRABALHO QUE LEVAM A CABO NO DEPARTAMENTO E DA FAMÍLIA E OS DESAFIOS QUE ELA ENFRENTA NOS DIAS DE HOJE.

[Igreja Viva] Qual é a situação da família na actualidade, como é que a família está no mundo de hoje?

[Rosa Cruz] Apesar de todas as notícias que pintam um cenário muito negro da família, eu acho que é na família que assenta a esperança da sociedade, e ouvimos isso todos os dias, não só na Igreja, mas também na sociedade – que a família é a base da sociedade. É claro que a família está a atravessar um período de dificuldade, mas não podemos pensar sem ser com um olhar de esperança, porque a esperança é posta na família. Há que superar as dificuldades e nem tudo é dificuldade. Há muitas alegrias, também.

[Amândio Cruz] Depois, à volta da família, há sempre aquelas grandes questões que, por vezes, se tem muita tentação de misturar todos aqueles aspectos fracturantes, e por vezes foge-se daquilo que é a essência da família. Nós, como casal e como departamento da Pastoral Familiar, queremos ajudar a mostrar esta beleza que é a família. Sentimos cada vez mais que este trabalho que vamos fazendo, que é um trabalho de Igreja, não podia ser de outra forma senão mostrar esta beleza concreta que é a família.

[Rosa Cruz] Parece-nos que

o ponto essencial da família é o amor. O amor entre o casal, o amor entre os pais e filhos, por aí fora até à família mais alargada. Mas é o essencial. E quando este amor é fragilizado, é claro que a família se ressent. Aquilo em que nós acreditamos é que o amor é a base de tudo.

[Amândio Cruz] A mensagem é sempre esta, procurar levar esperança às famílias. Ajudá-las a ver a beleza com este aspecto da esperança. Porque se perdemos também este foco, é mau.

[Rosa Cruz] E dificuldades vão sempre existir. Existiam no passado outras dificuldades – os nossos avós, os nossos pais tiveram dificuldades que hoje não se põem. Hoje existem outro tipo de dificuldades. Mas eu acho que, em cada família, elas devem ajudar a amadurecer o amor e a fazer crescer e a dar passos positivos na família.

[Igreja Viva] Rosa, disse que hoje nem tudo é mau na família. O que é que é mau e o que é que é bom?

[Rosa Cruz] Sem dúvida que o bom é muito fácil de apontar. O relacionamento entre as gerações, a vivência do casal que depois se reflecte também nos filhos e depois também se reflecte naqueles que

estão à nossa volta. Se formos vizinhos de um casal que tem violência, nós damos conta dessa violência. Mas se formos vizinhos de uma família que procura espelhar a paz, isso também se faz sentir à volta dessa família. Depois, aquilo que é mau, sem dúvida, é que as famílias, hoje, dialogam pouco. Há pouca comunhão, pouco diálogo daquilo que são as coisas do dia-a-dia. Depois o saco vai enchendo e um dia rebenta e a coisa corre mal. Para além disso, temos também o tempo que os pais trabalham e a pouca atenção que dão aos filhos. Com o tempo, isso vai marcar as gerações. Pais pouco presentes na vida dos filhos causam, mais tarde ou mais cedo, ressentimento na vida da família.

[Amândio Cruz] Uma das coisas importantes na família é a criação de laços. Ela começa pelo casal, estende-se pelos filhos e daí segue para o resto da família. É também um factor que também, por vezes, hoje, não se vai notando, essa criação de laços fortes entre os membros da família. Daí que me parece é um aspecto a apontar.

[Rosa Cruz] Hoje em dia temos um intruso, que entra não só na vida pessoal mas também na vida familiar com muita facilidade, que são nomeadamente os telemóveis. As pessoas vivem na sua casa mas não se conhecem, não conversam umas com as outras, vão quebrando os relacionamentos... Há uma visão muito individual, muito egocêntrica que se vai formando, enquanto que na família nós temos que cuidar uns dos outros.



[Igreja Viva] Perante isto tudo, qual é o papel que a Pastoral Familiar tem?

[Rosa Cruz] Enquanto Arquidiocese, não nos compete ensinar nada a ninguém. Aquilo que procuramos é que muitos casais possam viver e fazer comunhão da vida de família, quer a nível paroquial, quer a nível arcepresbital. A ideia, o caminho que se tem vindo a fazer, é criar grupos de casais que se encontrem regularmente – a regularidade em concreto poderá ser definida por cada paróquia – e que exista esta comunhão de vida. Porquê? Porque, muitas vezes, o que nos parece um problema complicado, uma coisa enorme, às vezes, na comunhão com outros casais que até, porque são mais velhos, já passaram por essa experiência, a coisa torna-se mais fácil de superar, e a vida, caminhando em conjunto, é mais fácil do que caminhar sozinho.

[Amândio Cruz] Ou seja, aquilo que a Rosa acaba de dizer é que, ao longo destes anos – estamos a fazer cinco anos que estamos neste departamento –, temos vindo a tentar incentivar, disponibi-

lizando-nos, se for o caso, a deslocar-nos aos próprios arcepresbitalizados, a criação destes grupos de casais. Em algumas paróquias, em alguns arcepresbitalizados, isto já acontece, isto já está minimamente organizado. Mas em muitas outras paróquias e alguns arcepresbitalizados esta realidade ainda não se concretizou, a organização necessária ainda não existe para estas equipas paroquiais ou arcepresbitalizadas. Porque é necessário que se desenganem aqueles casais que, depois de contraírem o matrimónio, se isolam. Isso é trilhar um percurso que pode ser muito penoso no futuro do casal e da família. Ou seja, pela nossa experiência de 27 anos de matrimónio, continua a ser importantíssima esta partilha, com outros casais, das vivências nas diversas fases que vamos atravessando ao longo da vida matrimonial. Daí acharmos que é importantíssima a criação destas equipas para que, de alguma forma, se procurem encontrar e desenvolver actividades. No fundo, serão as ajudas, neste campo da família que é tão vasto, nas paróquias ou nos próprios arcepresbitalizados. Porque é preciso



Se a comunidade paroquial apostar na família, está a apostar no futuro, em todas estas realidades de que tanto precisa, e deixa de se centralizar a paróquia na concretização dos sacramentos.

tomar nota: é da família que tudo surge. Surgem as crianças que são baptizadas, que vão à catequese, que formam e estão nos grupos de jovens, que casam, por aí fora. Se a comunidade paroquial apostar na família, está a apostar no futuro, em todas estas realidades de que tanto precisa, e deixa de se centralizar a paróquia na concretização dos sacramentos. Ou seja, a paróquia não pode ser só um lugar onde se concretizam os sacramentos. Daí nós sentirmos a importância destes grupos nestas comunidades paroquiais e arceprestais.

[Rosa Cruz] Só uma salvação. Quando falamos de nós, falamos da equipa. Quando formamos a equipa, tivemos o cuidado de convidar casais de outros movimentos porque achamos que é muito rica a partilha de experiências. E temos vivido precisamente essa riqueza de formas de pensar mas que dão todas, depois, um fruto que gera vida.

[Igreja Viva] E quanto às famílias que não cumprem todos os cânones da Igreja, digamos assim?

[Rosa Cruz] Um papel importante que a Pastoral Familiar tem neste momento é ser acolhedora. Este acolher é acolher pessoas, não é acolher casos. Primeiro a pessoa, depois aquilo que a pessoa traz. Temos percebido, ao longo destes anos, que é preciso dar esta volta de mentalidades. Porque por vezes as pessoas já vêm rotuladas, por serem divorciadas, por serem recasadas, seja o que for, e nós temos que ter este olhar aberto e coração aberto de acolher as pessoas. Temos que ter este coração cada vez mais alargado, capaz de acolher todos.

[Amândio Cruz] E neste acolhimento, um aspecto importantíssimo, achamos nós, é o acolhimento de quem vive de forma diferente. Ou seja, é uma parte da sociedade cada vez maior, com o crescimento que todos nós bem conhecemos mas que, também, só porque não cumpriram, digamos, o cânone de preparação para o matrimónio e de casar pela Igreja, não podem ser postas de lado, muito pelo contrário. É nosso desejo, como equipa arquidiocesana, chegar cada vez mais a esta franja, diria assim, a estes casais, a estas novas famílias que se estão a constituir de forma diferente daquilo que era ha-

bitual na nossa sociedade, e na Igreja. É, para nós, importante ter estas pessoas presentes. Que bom seria poder ter esta gente connosco.

[Igreja Viva] A Igreja fala repetidamente da importância de chegar aos jovens. Isso também se aplica à Pastoral Familiar?

[Amândio Cruz] Um dos aspectos em que, para nós, era importante investir – sendo até quase uma bandeira nossa –, eram precisamente os namorados, ou seja, trabalhar com os jovens. É preciso começar a trabalhar com as futuras famílias o mais cedo possível. Foi o nosso primeiro desejo de trabalho a concretizar.

[Rosa Cruz] Mas nós também vamos atravessando momentos difíceis. Por exemplo, este primeiro desafio dos namorados teve um primeiro encontro que teve uma adesão... Não digamos boa, mas satisfatória. Porque, para uma coisa arquidiocesana, se cada pároco enviar um par de namorados... Não tivemos isso, mas tivemos uma sala compostinha, e pensamos que a coisa podia pegar. Fizemos um segundo encontro, mas tivemos menos participantes. Fizemos um terceiro encontro, e tivemos menos ainda. Até que decidimos não avançar mais porque não sentíamos colaboração. Porque, se tivesse havido colaboração... A ideia não era trabalhar com noivos à porta do casamento. Era namorados. No primeiro encontro tivemos namorados com uma semana de namoro. E tivemos outros que depois, mais tarde, decidiram que não era por ali o caminho. Mas era este caminho, nestes encontros, que pretendíamos fazer. Eu penso que, hoje em dia, a pastoral vocacional tem que começar muito cedo. Tem que começar primeiro na família – porque antigamente isso era uma coisa mais normal, mas agora já não é –, falando das diferentes vocações. É preciso educar para o compromisso. Mas pronto, atravessamos essa fase difícil, direccionamos o caminho para outra direcção... **[Amândio Cruz]** Um dos aspectos em que, para nós, era importante investir – sendo até quase uma bandeira nossa –, eram precisamente os namorados, ou seja, trabalhar com os jovens. É preciso começar a trabalhar com as futuras famílias o mais cedo possível. Foi o nosso primeiro desejo de trabalho a

concretizar.

[Rosa Cruz] Mas que depois foi logo complementada. Aquilo que para nós era natural, este tipo de encontros – porque a nossa formação como jovens foi assim, no movimento dos Focolares, e era natural –, nós achamos que facilmente ia pegar, assim como o resto da equipa. Mas percebemos, depois, que nós não temos que ser organizadores de encontros, de eventos. Pelo contrário, devemos ser promotores destas propostas. Então, logo a seguir, os jesuítas, através do Relógio da Família, avançam precisamente com uma proposta destas. Eles avançaram de uma forma incrível, com um programa fabuloso, que nós continuamos a entusiasmar e a partilhar, fazemos o que está ao nosso alcance e incentivamos o máximo para que os jovens participem nisso. Para nós, ver esse avanço foi gratificante. Nós não podíamos continuar a promover regularmente estes encontros. Mas que bom seria que estes encontros se pudessem replicar, pelo menos arceprestalmente. Estas coisas não se fazem de um dia para o outro, no entanto. Mas é por aqui. Se queremos realmente verdadeiras famílias, famílias cristãs, temos que começar com os jovens, logo daí.

[Igreja Viva] Sentem que essa dificuldade em depois continuar com esses encontros vem dos jovens se desligarem da Igreja?

[Amândio Cruz] Claro, sem dúvida.

[Rosa Cruz] O que vamos percebendo que os jovens que chegam ao Crisma, vão andando por ali até ao Crisma e já são um grupo muito reduzido, se formos ver o número de crianças que fizeram a Primeira Comunhão. Por isso, ao longo dos anos, vão-se perdendo muitos jovens. Mas estes encontros não são só para os jovens que estão em grupos e movimentos, porque normalmente nesses espaços há a preocupação de fazer o acompanhamento. Mas quem está a ler esta entrevista que se convença que estes encontros são para qualquer jovem que queira participar. Que não tenha crença, que esteja afastado da Igreja... Desde que acredite no amor e que acredite que quer fazer um caminho de preparação para o casamento, participar nestes encontros é um aspecto positivo.

“Vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”

II DOMINGO COMUM

ITINERÁRIO

Junto ao Círio Pascal colocar as palavras “Ver e testemunhar”.

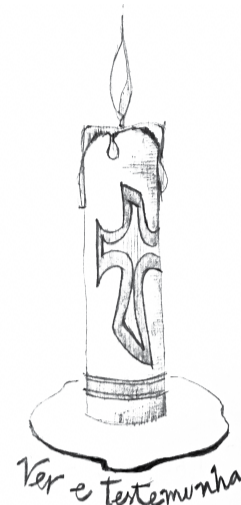


ILUSTRAÇÃO DA ARQ. MARIA TAVARES



LITURGIA DA PALAVRA

LEITURA I Is 49, 3.5-6

Leitura do Livro de Isaías

Disse-me o Senhor: “Tu és o meu servo, Israel, por quem manifestarei a minha glória”. E agora o Senhor falou-me, Ele que me formou desde o seio materno, para fazer de mim o seu servo, a fim de Lhe reconduzir Jacob e reunir Israel junto d’Ele. Eu tenho merecimento aos olhos do Senhor e Deus é a minha força. Ele disse-me então: “Não basta que sejas meu servo, para restaurares as tribos de Jacob e reconduzires os sobreviventes de Israel. Vou fazer de ti a luz das nações, para que a minha salvação chegue até aos confins da terra”.

Salmo responsorial

Salmo 39 (40), 2 e 4ab.7-8a.8b-9.10-11ab (R. 8a e 9a)

Refrão: Eu venho, Senhor, para fazer a vossa vontade.

LEITURA II 1 Cor I, 1-3

Início da primeira Epístola do apóstolo São Paulo aos Coríntios

Irmãos: Paulo, por vontade de Deus escolhido para Apóstolo de Cristo Jesus e o irmão Sóstenes, à Igreja de Deus que está em Corinto, aos que foram santificados em Cristo Jesus, chamados à santidade, com todos os que invocam, em qualquer lugar, o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso: A graça e a paz de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco.

EVANGELHO Jo 1, 29-34

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João

Naquele tempo, João Baptista viu Jesus, que vinha ao seu encontro, e exclamou: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. É d’Ele que eu dizia: «Depois de mim vem um homem, que passou à minha frente, porque era antes de mim». Eu não O conhecia, mas foi para Ele Se manifestar a Israel que eu vim baptizar na água”. João deu mais este testemunho: “Eu vi o Espírito Santo descer do Céu como uma pomba e permanecer sobre Ele. Eu não O conhecia, mas quem me enviou na baptizar na água é que me disse: «Aquele sobre quem vires o Espírito Santo descer e permanecer é que baptiza no Espírito Santo». Ora, eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”.

REFLEXÃO

O discípulo é aquele que se sente chamado por Deus para a missão de dar testemunho do seu amor ao Evangelho. Vêmo-lo reflectido nos textos bíblicos deste Segundo Domingo (Ano A). Paulo, por exemplo, apresenta-se “por vontade de Deus escolhido para Apóstolo de Cristo Jesus”. E dirige-se aos membros da comunidade de Corinto como “santificados em Cristo Jesus”.

Chamados à santidade

Pelo baptismo, somos “santificados em Cristo Jesus” e “chamados à santidade”. A força da Igreja não reside nos seus meios e recursos, nem mesmo nos dons pessoais dos seus elementos, mas na graça divina que é derramada sobre todos. O baptismo santifica-nos. A nossa primeira tarefa é permitir que a semente que foi lançada no baptismo possa germinar e crescer, através de uma vida segundo o Evangelho.

A santidade parece assustar algumas pessoas. Umas, porque a relacionam com coisas estranhas e perigosas. Outras, porque pensam em algo denso e complexo, independente dos afazeres quotidianos. Contudo, a santidade é uma vocação humana e universal.

A santidade não é um poste de alta tensão com um aviso de perigo de morte. Ser santo não te coloca um fardo aos ombros, antes liberta, faz-te mergulhar no amor divino, abre-te à coragem de ir mais longe, dá-te a possibilidade de iluminar tudo com uma nova luz.

O que fazer para ser santo? Conjuga o silêncio com a serviço, a oração com a ação. Cada instante há de ser “expressão de amor doado sob o olhar do Senhor (...)”. Não é saudável amar o silêncio e esquivar o encontro com o outro, desejar o repouso e rejeitar a actividade, buscar a oração e menosprezar o serviço. (...) Somos chamados a viver a contemplação mesmo no meio da acção, e santificamo-nos no exercício responsável e generoso da nossa missão” (cf. Alegrai-vos e Exultai, 14-31).

Dar testemunho

A santidade reflecte-se no testemunho. Não de uma imposição moral, mas de um estilo de vida belo e atraente. O testemunho da santidade é como um perfume que se difunde e se manifesta, ao mesmo tempo, de forma discreta e persuasiva. Esse é o «perfume do Evangelho», o bom odor da acção de Deus na vida e no mundo. O perigo é não estar preparado para acolher o inesperado. Esta semana, fica atento ao que é «comum» na tua vida e abre-te à oportunidade de ser surpreendido. Pode ser, por exemplo, uma pessoa, de quem costumavas antecipar as reacções, a ponto de não acreditar que seja capaz de mudar, ou porque te dá prazer o mexerico. Lembra-te de que aquilo que te afasta dos outros, não é caminho de santidade.

“Desejais uma paróquia perfeita? Nada de mexericos. Se tiveres algo contra alguém, fala directamente. Este é o sinal de que o Espírito Santo está presente na paróquia. Quanto aos outros pecados, todos os temos. Existe uma colecção de pecados: um tem este, outro tem aquele, mas todos somos pecadores. Todavia, o que destrói uma comunidade, como o caruncho, são os bisbilhotices pelas costas. Uma paróquia onde não há mexericos é uma paróquia perfeita; uma paróquia de pecadores, sim, mas de testemunhas” (Papa Francisco).

Reflexão preparada por Laboratório da Fé in www.laboratoriodafe.pt

Semear esperança

Acólitos

Aprendendo a contemplar e a testemunhar o Jesus que servem no altar, reconheçam de que forma a glória do Senhor se manifesta no sacrifício da sua entrega em favor dos outros.

Leitores

Preparem bem as leituras da Palavra de Deus para que esta toque verdadeiramente, em primeiro lugar, o coração do/a leitor/a e, em seguida, o coração de todos aqueles e aquelas que escutam piedosamente as Sagradas Escrituras. Prestando este bom serviço, tomem consciência de que se reconhecem com “Servos de Deus”.

Ministros Extraordinários da Comunhão

Como para João Baptista, a caminhada de fé é um itinerário que vai de “Eu não O conhecia” até “Eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”. A Eucaristia é o alimento neste itinerário? De que forma ajudo os outros e dou testemunho, sobretudo aos doentes, deste caminho pessoal e comunitário?



EUCOLOGIA

Orações presidenciais: Orações do II Domingo do Tempo Comum (Missal Romano, 396)

Prefácio: Prefácio I dos Domingos do Tempo Comum (Missal Romano, 476)

Oração Eucarística: Oração Eucarística III (Missal Romano, 529ss)



VIVER NA ESPERANÇA

Durante esta semana, vamos dar graças a Deus pelo dom do nosso Baptismo, pela nossa condição de seus filhos. Concretamente, cada pessoa procure saber a data do seu Baptismo e permanecer fiel às promessas assumidas.



SUGESTÃO DE CÂNTICOS

– **Entrada:** *Fiz de ti a luz das nações* – C. Silva

– **Rito da aspersão:** *Vós que fostes baptizados* – F. Santos

– **Apresentação dos dons:** *Vimos trazer Senhor* – M. Faria

– **Comunhão:** *Este é aquele* – C. Silva

– **Pós-comunhão:** *Formamos um só corpo* – C. Silva

– **Final:** *O Espírito de Deus repousou sobre mim* – Az. Oliveira

Celebrar com esperança

Rito da Aspersão

Conforme a Palavra de Deus e na continuidade da Festa do Baptismo do Senhor, valorize-se o rito da aspersão da água, conforme um dos modelos que vem apresentado no Missal Romano.

Homilia

A Liturgia da Palavra desafia-nos a duas atitudes: testemunho e vocação à santidade. Somos chamados a ser luz e portadores da salvação. João Baptista testemunha-nos o carácter messiânico e divino de Jesus. João prega um Baptismo de penitência e proclama Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Toda a vida cristã é fruto dum chamamento de Deus à fé, chamamento este que é um dom gratuito de Deus.

Na Eucaristia deste II Domingo, destaquemos de uma forma especial o momento da fracção do Pão – pão partido que significa a nossa união a Jesus e que é o

mesmo Jesus que se dá a todos, para que nos tornemos um só corpo em Cristo, levando-nos a um anúncio e testemunho missionário da Eucaristia, isto é, que a celebração que vivemos nos leve a uma vida mais comprometida com Deus e para com os irmãos. Só podemos ser verdadeiros cristãos se na nossa vida houver coerência entre fé e vida.

Oração Universal

Irmãs e irmãos em Cristo: oremos a Deus Pai todo-poderoso, que nos enviou o seu muito amado Filho e nos dá a graça de participar nestes santos mistérios, implorando com fé:
R. Concedei-nos, Senhor, a vossa graça.

1. Para que o Papa Francisco, os bispos a ele unidos e os presbíteros deem testemunho, por palavras e por obras, da santidade a que Deus os chama dia após dia, oremos.

2. Para que os fiéis e os candidatos ao Baptismo do mundo inteiro acreditem

em Jesus, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, oremos.

3. Para que os governantes de todo o mundo sejam homens de paz, e os povos possam viver tranquilos e progredir no bem-estar, na justiça e na liberdade, oremos.

4. Para que os homens e mulheres do nosso tempo descubram em Cristo a luz das nações e edifiquem um mundo mais justo e mais fraterno, oremos.

5. Para que aqueles que andam sem rumo e sem esperança encontrem o consolo no amor de Deus, e na Igreja nunca falem as vocações para o serviço do Seu povo, oremos.

6. Para que esta assembleia reunida e a nossa paróquia perseverem na fé e na piedade, e os seus membros cresçam no respeito mútuo, oremos.

Deus todo-poderoso e eterno, que por vosso Filho Jesus Cristo fizestes chegar a salvação até aos confins da terra, olhai

com bondade o povo que Vos suplica e conduzi-o à glória do vosso reino. Por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

R. Ámen.

Envio missionário

V. Ide. Deus Pai, que nos chama à santidade, desafia-nos a sermos luz no meio das trevas da humanidade e a sermos portadores da Salvação.

R. Ámen.

V. Ide. Deus Filho, que foi enviado ao mundo na nossa natureza humana, em tudo igual a nós, excepto no pecado, convida-nos a testemunhá-l'O como o fizeram João e Paulo.

R. Ámen.

V. Ide. Deus Espírito Santo, que nos ilumina com a sua Luz, convoca-nos a que manifestemos a Sua glória nesta terra em que habitamos.

R. Ámen.

“Vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus”

SEGUNDO DOMINGO
ANO A - 2020



LABORATÓRIODAFÉ



"NUNCA PARES" APRESENTADO NO ALBERGUE CIDADE DE BARCELOS



No próximo dia 12 de Janeiro, Domingo, pelas 17h00, no Albergue Cidade de Barcelos, a Associação ACB – Albergue Cidade de Barcelos promove a apresentação do livro “Nunca Pares”, de Emanuel Mendes. “Nunca Pares” retrata uma série de Caminhos de Santiago e de Fátima percorridos pelo autor. Os diversos capítulos abordam a descrição de como surgiu a ideia de percorrer estes caminhos, contêm uma

breve abordagem histórica, falam da simbologia associada ao Caminho de Santiago, do planeamento, dos ensinamentos aprendidos e experiências trocadas. A entrada é livre. Para além da apresentação do livro será discutida uma proposta relativa ao Caminho de Santiago no concelho de Barcelos, incluída no âmbito do Orçamento Participativo de Barcelos.

ARCIPRESTADO DE FAFE LANÇA FORMAÇÃO PARA ADULTOS SOBRE A MISSÃO

O arceprelado de Fafe promove, em Fevereiro, quatro noites de formação cristã de adultos sobre a Missão, orientadas pelo Centro Missionário da Arquidiocese de Braga. Em Travassós, a 1 de Fevereiro, os formadores falarão do tema “Grupos Missionários Paroquiais, Obras Missionárias Pontifícias: Infância Missionária”. Em Silvares S. Martinho, no dia 8, será explorado o tema “Educação para a cidadania global, voluntariado,

cooperação, culturas, religiões”. Em Estorãos, no dia 15, aborda-se a temática “Papa Francisco. Evangelii Gaudium – «não deixemos que nos roubem o entusiasmo missionário»”. E, por fim, em Golães, a 22 de Fevereiro, será desenvolvida a questão da “Missão e doutrina social da Igreja: justiça, paz e direitos humanos.” Estes encontros são abertos a todo o público e têm uma duração de 60 minutos.

AGENDA Viva

10 JAN

IGREJA DE S. VICENTE (BRAGA)
7.º CONCERTO DE REIS
21H00

no âmbito da Iniciativa «Abrigar São Vicente»

17-18 JAN

AMARES
ENCONTROS VOCACIONAIS II

ENCONTROS VOCACIONAIS NOV/JAN/FEV 2019-20

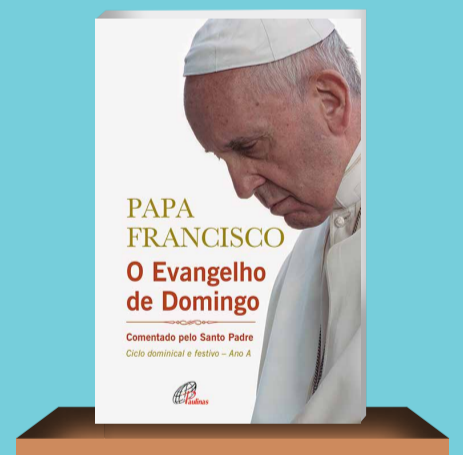
LIVRARIA DIÁRIO DO MINHO

10% Desconto

LIVRO DA SEMANA

17,5€

O EVANGELHO DE DOMINGO PAPA FRANCISCO



O livro “O Evangelho de Domingo” reúne algumas das reflexões do Papa Francisco para o ciclo dominical e festivo do Ano A, proferidas durante o Angelus, nas audiências gerais e em homilias. O cristianismo das origens evocado pelo Papa também se destaca, neste volume, por excertos dos Padres da Igreja, os guias dos primeiros cristãos, alusivos ao Evangelho proclamado em cada domingo ou solenidade.

